



COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

ROMANOS 9-16

Organizador	Organizador Geral	Organizador Geral Associado
PHILIP D. W. KREY e PETER D. S. KREY	TIMOTHY F. GEORGE	SCOTT M. MANETSCH



Romanos 9-16 – Comentário Bíblico da Reforma org. por Philip D. W. Krey e Peter D. S. Krey © 2018 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente por InterVarsity Press como *Romans 9-16* (Reformation Commentary on Scripture) © 2015 by Philip D. W. Krey e Peter D. S. Krey, Timothy F. George, Scott M. Manetsch e InterVarsity Christian Fellowship/USA. Traduzido e publicado com permissão da InterVarsity Press, P.O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, USA. Reprodução proibida por qualquer meio que seja.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial	Produção Editorial
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Heber Carlos de Campos Jr. (Introdução Geral)
Cláudio Marra (<i>Presidente</i>)	William Lacy Lane
Filipe Fontes	<i>Revisão</i>
Heber Carlos de Campos Jr.	Mauro Filgueiras
Marcos André Marques	Filipe Delage
Misael Batista do Nascimento	Mariana Ferreira de Toledo
Tarcízio José de Freitas Carvalho	<i>Editoração</i>
	Zenaide Rissato
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

Extratos de John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* (1559), MCNEILL, John T., org., tradução de Ford Lewis Battles, Library of Christian Classics 20-21. ©Westminster Press, Filadélfia, 1960. Usado com permissão.

Extratos de Desiderius Erasmus, *Annotations on Romans*, SIDER, Robert D., org., tradução de John B. Payne et al., CWE 56, © University of Toronto Press, Toronto, 1994. Reimpresso com permissão.

Extratos de Desiderius Erasmus, *Paraphrases on Romans and Galatians*, SIDER, Robert D., org., tradução de John B. Payne, Albert Rabil Jr. e Warren S. Smith Jr., CWE 42, © University of Toronto Press, Toronto, 1984. Reimpresso com a permissão.

Extratos de Desiderius Erasmus e Martin Luther, *Luther and Erasmus: Free Will and Salvation*, RUPP, Gordon E.; WATSON, Philip S., org. e trad., Library of Christian Classics 17, ©Westminster Press, Filadélfia, 1969. Usado com permissão.

Extratos de Balthasar Hubmaier: *Theologian of Anabaptism*, PIPKIN, H. W.; YODER, J. H.; tradução e org., ©1989 Herald Press, Scottsdale, PA 15683. Usado com permissão.

Extratos de Philipp Melancthon, *Commentary on Romans*, tradução de Fred Kramer, © Concordia Publishing House, St. Louis, 1992. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Extratos de *The Writings of Dirk Philips, 1504–1568*, DYCK, C. J.; KEENEY, W. E.; BEACHY, A. J.; tradução e org., © 1992 Herald Press, Scottsdale, PA 15683. Usado com permissão.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

K92c Krey, Philip D. W.

Comentário Bíblico da Reforma: Romanos 9-16 / Philip D. W. Krey, Peter D. S. Krey; tradução William Lane. – São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

384 p.

Título original: *Reformation Commentary on Scripture: Romans 9-16*

ISBN 978-85-7622-831-8

1. Exegese 2. Comentário bíblico 3. Reforma

I. I. Krey, Peter D. S. II. Lane, William III. Título

CDU-22.07

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099 / 3346-2700 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

O *Comentário Bíblico da Reforma* apresenta um abundante material daquele período, desconhecido por muitos, cuja maior parte não está disponível nem mesmo em inglês. Organizado pelos livros da Bíblia, o comentário permite que vozes vivas da igreja naquele momento crítico falem novamente quando expõem o texto sagrado.

Embora os gigantes da época estejam bem representados, os leitores serão apresentados também a uma variedade de figuras com os quais não têm familiaridade, mas que contribuíram para a Reforma de maneiras importantes. Ao fazer isso, o *Comentário Bíblico da Reforma* demonstra a unidade e a diversidade de pensamento que caracterizaram aquele período vital na história da igreja.

Empregando o mais alto nível de pesquisa, o *Comentário Bíblico da Reforma* apresenta comentários da era da Reforma de um modo claro e direto. Os excertos do *Comentário* foram selecionados por possuírem brevidade de expressão, clareza de pensamento, profundidade de compreensão, relevância universal, poder retórico e consonância teológica com a tradição da ortodoxia cristã, enquanto, ao mesmo tempo, realça as contribuições características da Reforma.

O *Comentário Bíblico da Reforma* tem quatro objetivos:

Renovar a interpretação bíblica contemporânea, trazendo à luz a interpretação bíblica da era da Reforma.

Fortalecer a pregação contemporânea, por meio da exposição da compreensão bíblica dos pensadores da Reforma.

Aprofundar o entendimento dos cristãos sobre a Reforma e sobre as amplas perspectivas representadas dentro dela.

Desenvolver a erudição cristã nos estudos históricos, bíblicos, teológicos e pastorais.

COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA

CONSELHO CONSULTIVO

MYRON S. AUGSBURGER

Eastern Mennonite University

AMY NELSON BURNETT

Universidade de Nebraska

FRANK A. JAMES III

Reformed Theological Seminary

ARTHUR A. JUST JR.

Concordia Theological Seminary

ANTHONY N. S. LANE

London School of Theology

HERMAN J. SELDERHUIS

Theological University of Apeldoorn, Holanda

JOHN L. THOMPSON

Fuller Theological Seminary

GRAHAM TOMLIN

St. Mellitus College, Londres

DAVID STEINMETZ

Duke Divinity School

TIMOTHY J. WENGERT

Lutheran Theological Seminary em Filadélfia

Organizadores do volume

Philip D. W. Krey (PhD, Universidade de Chicago) é presidente emérito e professor emérito de História da Igreja Primitiva e Medieval no Lutheran Theological Seminary na Filadélfia (Pensilvânia). É autor de vários livros.

Peter D. S. Krey (PhD, Graduate Theological Union) é pastor e professor luterano. Serviu em igrejas na Alemanha, Nova York, Filadélfia e Califórnia.

Dedicado ao nosso pai, o Rev. Rudolf E. M. Krey

AVALIAÇÕES DO *COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA*

“Fundamentalmente, os reformadores protestantes foram tanto exegetas quanto teólogos; no entanto (com exceção de figuras como Lutero e Calvino), seus comentários e sermões têm sido negligenciados, uma vez que esses escritos não estão disponíveis em edições ou línguas atuais. Isso torna esta nova série de comentários bíblicos da Reforma mais do que bem-vinda como um modo de fornecer acesso a algumas das mais ricas exposições bíblicas dos séculos 16 e 17. A introdução do editor explica a natureza das fontes e o processo de seleção; o público intencionado é o de pastores e estudantes da Bíblia de hoje, o que levou a um foco nos comentários teológicos e práticos. Embora seja de grande valia para os estudantes da Reforma, esta série está longe de ser um estudo esotérico de vozes amplamente esquecidas; esta coleção de comentários da Reforma, que abrange cada versículo bíblico e fornece cabeçalhos temáticos, será de grande ajuda para os pastores e pregadores de hoje.”

Elsie Anne Mckee, *Professora de Estudos da Reforma e de História da Adoração, Princeton Theological Seminary.*

“Esta série fornece uma excelente introdução à história da exegese bíblica no período da Reforma. As apresentações são precisas, claras e informativas, e as passagens são inteligentemente escolhidas para dar ao leitor uma boa ideia dos métodos empregados e dos temas em pauta. A série coloca a exegese pré-crítica no seu contexto, apresentando-a à sua devida luz. Altamente recomendado como livro de referência, pode também ser usado como livro didático ou de leitura geral para estudantes, todos os leigos e clérigos interessados.”

Irena Backus, *Professora regular, Institut d’Histoire de la Réformation, Université de Genève.*

“Os comentários bíblicos da Reforma são um importante evento de publicação – para aqueles com interesse histórico pelas convicções fundadoras do protestantismo, mas, acima de tudo, para aqueles que querem entender a Bíblia. Como o anterior *Ancient Christian Commentary on Scripture*, este esforço traz carne e sangue para a ‘comunhão dos santos’ ao permitir que os crentes de nossos dias conheçam as posições dos gigantes do passado. Ao ligar o passado com o presente, e ao fazer isso com a Bíblia no centro, os organizadores desta série empreendem um grande serviço à igreja. A série merece o maior apoio possível.”

Mark A. Noll, *Professor de História, University of Notre Dame.*

“Para aqueles que pregam e ensinam as Escrituras na igreja, o *Comentário Bíblico da Reforma* é um evento editorial da maior importância. Pastores e outros líderes da igreja encontrarão surpresas agradáveis, enigmas desafiantes e perspectivas edificantes nesta série, já que muitas vozes da Reforma são traduzidas pela primeira vez para a nossa língua. A vívida conversa nestas páginas pode inflamar a imaginação atual dos pastores para novas e fidedignas exposições das Escrituras.”

J. Todd Billings, *Professor assistente de Teologia Reformada, Western Theological Seminary.*

“Os reformadores discerniram corretamente o que a igreja necessitava desesperadamente no século 16 – a ousada proclamação da Palavra baseada num estudo cuidadoso das Sagradas

Escrituras. Nos dias de hoje, não apenas precisamos atentar novamente para esse chamado, mas também aprender com a Reforma como fazer isso. Esta série de comentários é uma dádiva de Deus.”

Richard J. Mouw, *Reitor, Fuller Theological Seminary.*

“Assim como o *Ancient Christian Commentary on Scripture*, o *Comentário Bíblico da Reforma* faz um trabalho magistral ao oferecer excelentes seleções de exegetas, dos bem conhecidos àqueles não tão bem conhecidos. O esboço introdutório do organizador, por si mesmo, vale o preço do livro. É fácil nos esquecermos de que mais mãos, corações e mentes estiveram envolvidas na Reforma além das de Lutero e Calvino. Além do mais, os encontros que temos com essas figuras são frequentemente limitados a citações conhecidas a respeito de tópicos familiares. No entanto, o *Comentário Bíblico da Reforma* nos ajuda a reconhecer a amplitude e a profundidade dos interesses exegeticos e as habilidades que alimentaram e continuam a alimentar meditações fiéis sobre a Palavra de Deus. Recomendo vigorosamente esta série como uma fonte tremenda, não apenas para o ministério, mas também para a edificação pessoal.”

Michael S. Horton, *Professor de Teologia Sistemática e Apologética, Westminster Seminary, Califórnia.*

“A Reforma foi desencadeada por uma leitura renovada das Escrituras. Nesta série de comentários, nós, intérpretes contemporâneos, temos permissão para sentir parte da empolgação, da surpresa e do encantamento de nossos antepassados espirituais. Lutero, Calvino e seus companheiros revolucionários foram intérpretes magistrais da Palavra. Agora, nesta série notável, alguns dos maiores eruditos da Reforma expõem as riquezas das interpretações das Escrituras pelos reformadores.”

William H. Willimon, *bispo da United Methodist Church.*

“O princípio da Reforma coloca toda a vida e o pensamento cristão sob a governança da Palavra divina, compelindo a igreja a renovar seus trabalhos exegeticos. Esta série promete colocar diante da igreja contemporânea o fruto desses labores, e, desse modo, exemplificar como a vida deve ser vivida sob a Palavra.”

John Webster, *Catedrático de Teologia Sistemática, Universidade de St. Andrews.*

“Desde a obra pioneira de Gerhard Ebeling a respeito da exegese de Lutero, 70 anos atrás, a história da interpretação bíblica ocupou muitos eruditos reformados e tornou-se uma parte vital dos estudos do período. O *Comentário Bíblico da Reforma* fornece novos materiais para os estudantes da interpretação bíblica da era da Reforma e para pregadores do século 21 extraírem conhecimentos dos ricos depósitos dos discernimentos dos principais reformadores do século 16, tanto dos textos da Escritura, quanto de sua aplicação nos contextos desse século. Esta série irá aprofundar nossa compreensão do período da Reforma e nos permitirá aplicar esse entendimento aos dias atuais e aos desafios que eles apresentam à igreja.”

Robert Kolb, *Professor de Teologia Sistemática e diretor do Institute for Mission Studies, Concordia Theological Seminary.*

“Os vários volumes do *Ancient Christian Commentary on Scripture* são um recurso valioso para aqueles que querem saber como os Pais interpretavam uma passagem da Escritura, mas não têm tempo ou oportunidade para pesquisar os diversos trabalhos individuais disponíveis. Este novo *Comentário Bíblico da Reforma* sobre as Escrituras fará o mesmo pelos reformadores e deve ser recebido calorosamente. Ele proverá acesso muito mais fácil aos tesouros exegeticos da Reforma e é de esperar que incentivará os leitores a lerem algumas das obras originais.”

Anthony N. S. Lane, *Professor de Teologia Histórica e Diretor de pesquisa, London School of Theology.*

“Este volume do projeto *Comentário Bíblico da Reforma* é uma fonte inestimável para os pastores e aqueles que têm interesse pela História e pela Bíblia, porque fornece um acesso não apenas aos comentários dos líderes reformadores protestantes, mas também a uma miríade de comentaristas sobre Gálatas e Efésios desconhecidos atualmente. O *Comentário Bíblico da Reforma* seguramente amplia e aviva a exegese contemporânea. Com seu amplo escopo, a coleção irá enriquecer a nossa compreensão da diversidade de pensamento da Reforma e da exegese bíblica.”

Sigrun Haude, *Professor assistente da Reforma e Início da História Europeia Moderna, Universidade de Cincinnati.*

“A série *Comentário Bíblico da Reforma* promete ser um ‘abre-te sésamo’ à exegese, à exposição e aplicação da Bíblia, que foi a marca da Reforma. Conquanto comparações possam ser execráveis, nestas páginas são expostas as diferenças entre comentários e exposições da Reforma, e muito do que precedeu e seguiu a Reforma: enquanto uns escrevem sobre a Bíblia do seu exterior, a exposição da Reforma carrega a atmosfera de homens que falavam e escreviam do interior da Bíblia, vivenciando o poder do ensino bíblico até mesmo quando eles o explanavam... Este projeto grandioso coloca diante dos estudiosos, pastores, professores, estudantes e cristãos em desenvolvimento uma experiência que só pode ser equiparada a cair num grupo de estudo bíblico e descobrir que os seus colegas participantes incluem alguns dos cristãos mais significativos tanto da era da Reforma quanto da era (se é que há algum) pós-Reforma. Aqui a Palavra de Deus é explicada com uma diversidade de sotaques: alemão, suíço, francês, holandês, inglês, escocês, entre outros. Cada qual vibra com um senso emocionante da natureza viva da Palavra de Deus e do seu poder de transformar pessoas, igrejas e até mesmo comunidades inteiras. Esta é uma série para se esperar com ansiedade, desfrutar e ter em alta estima.”

Sinclair Ferguson, *Pastor titular, First Presbyterian Church, Columbia, Carolina do Sul.*

“Endosso fortemente o *Comentário Bíblico da Reforma*. Ao apresentar como a Bíblia era interpretada durante o tempo da Reforma, estes volumes não apenas renovarão a pregação contemporânea, mas também nos ajudarão a compreender mais plenamente como ler as Escrituras e meditar nelas pode, de fato, mudar a nossa vida.”

Lois Malcolm, *Professor assistente de Teologia Sistemática, Luther Seminary.*

“Discernir o verdadeiro significado dos movimentos na teologia requer familiaridade com sua exegese bíblica. Isso é supremamente verdadeiro em relação à Reforma, a qual foi essencialmente um reavivamento bíblico. O *Comentário Bíblico da Reforma* irá preencher uma enorme lacuna, exatamente como fez o *Ancient Christian Commentary*. Já no primeiro volume, há um belo início que desperta o apetite pela leitura. Da maneira mais calorosa, dou as boas-vindas a este projeto há muito esperado, bem como o recomendo.”

J. I. Packer, *Conselho de Governadores, Professor de Teologia, Regent College.*

“É impossível dizer os benefícios que emergirão da publicação desta magnífica série *Comentário Bíblico da Reforma*. Agora, os comentaristas e seus tesouros exegéticos e teológicos da era da Reforma estão ao alcance das nossas mãos, fornecendo novas compreensões das velhas fontes para dar luz ao momento presente e ao futuro. Esta série é um presente para os estudiosos e para a igreja; uma fonte maravilhosa para ampliar o nosso estudo da Palavra de Deus escrita para as gerações vindouras.”

Donald K. McKim, *Editor executivo de Teologia e Referência, Westminster John Knox Press.*

“Por que isso não foi feito antes? A publicação do *Comentário Bíblico da Reforma* deve ser saudada com entusiasmo por todo crente cristão – mas especialmente por aqueles que pregarão e ensinarão a Palavra de Deus. Esta série de comentários traz o melhor da herança reformada em matéria

de exegese e de exposição, sendo que cada um de seus volumes representa um verdadeiro banquete que nos transporta de volta ao século 16 para enriquecer a pregação e o ensino da Palavra de Deus no nosso próprio tempo.”

R. Albert Mohler Jr., *Reitor do The Southern Baptist Theological Seminary.*

“Hoje, mais do que nunca, o passado cristão é o futuro da igreja. Essa editora já nos trouxe, em outra oportunidade, a voz dos antepassados. Agora, em *Comentário Bíblico da Reforma*, ouvimos também uma palavra oportuna dos primeiros protestantes.”

Bryan Litfin, *Professor assistente de Teologia, Moody Bible Institute.*

“Estou encantado em ver o *Comentário Bíblico da Reforma*. Os organizadores desta série fizeram a todos nós um serviço inestimável ao compilar dos ricos campos da reflexão bíblica. Que Deus use essa nova vida para essas antigas palavras para dar glória a ele e para edificar a sua igreja.”

Mark Dever, *Pastor titular, Capitol Hill Baptist Church*

“Monumentais e magistrais, o *Comentário Bíblico da Reforma*, organizado por Timothy George, é um empreendimento notavelmente audacioso e visionário. Reunindo uma riqueza de fontes, esses volumes fornecerão a historiadores, teólogos, estudiosos da Bíblia, pastores e estudantes um novo olhar aos entendimentos exegéticos daqueles que moldaram e influenciaram a Reforma do século 16. Com esta publicação maravilhosa, a editora atingiu outro patamar de excelência. Oramos para que esta série esplêndida seja usada por Deus no fortalecimento da igreja e da erudição.”

David S. Dockery, *Reitor da Union University.*

“Afastada de suas raízes, a igreja não pode alcançar o mundo como Deus pretende. Embora toda geração deva administrar a percepção das Escrituras que Deus lhe concede, somente a arrogância ou a ignorância leva os líderes a ignorar as contribuições daqueles líderes fiéis antes de nós. O *Comentário da Bíblia da Reforma* apoia nosso pensamento em preciosas percepções de líderes fiéis da Reforma para promover a pregação e o ensino bíblico nesta geração.”

Bryan Chapell, *chanceler e professor de teologia prática, Covenant Theological Seminary*

“O fogo reformador da pregação centrada em Cristo que Lutero acendeu é a única esperança para recuperar o impacto do evangelho para manter a Reforma, não por si, mas para promover a renovação da igreja mundial de Cristo hoje. Esta série de comentários irá equipar pregadores para entrar em seus púlpitos com confiança na mesma Palavra viva que inspirou o testemunho de Lutero e Calvino e muitos outros Reformadores menos conhecidos.”

Carl E. Braaten, *cofundador do Center for Catholic and Evangelical Theology*

SUMÁRIO

AVALIAÇÕES DO COMENTÁRIO BÍBLICO DA REFORMA	7
AGRADECIMENTOS.....	13
ABREVIATURAS	15
GUIA PARA ESTE COMENTÁRIO.....	17
INTRODUÇÃO GERAL	19
INTRODUÇÃO A ROMANOS 9–16.....	41
COMENTÁRIO DE ROMANOS 9–16	51
MAPA DA REFORMA.....	309
LINHA DO TEMPO	310
RESUMO BIOGRÁFICO DAS PRINCIPAIS FIGURAS E OBRAS DA ERA DA REFORMA	321
BIBLIOGRAFIA	365
ÍNDICE DE AUTORES E OBRAS	371
ÍNDICE DE ASSUNTOS	373
ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS.....	377

9.1-5 PAULO SE ANGUSTIA POR SEU PRÓPRIO POVO

9¹Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência: ²tenho grande tristeza e incessante dor no coração; ³porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos,^a meus compatriotas, segundo a carne. ⁴São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; ⁵deles são os patriarcas; e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos. Deus bendito para todo o sempre. Amém!

^a Ou irmãos e irmãs

VISÃO GERAL: O modo como Paulo inicia a árdua e dolorosa discussão da rejeição de seu povo mostra aos reformadores sua destreza retórica. Como se ele estivesse espalhando mel na boca de um copo de remédio amargo, Paulo se dirige a seus leitores com amabilidade e ternura em antecipação à condenação iminente.¹ Por meio dessa estratégia – a qual ele frequentemente utiliza – ele desarma uma audiência potencialmente hostil, a fim de que possam receber sua mensagem mais prontamente. Ele não é inimigo da nação judaica, não despreza a lei mosaica. Pelo contrário, ele ama a lei, e anseia para que seus irmãos e irmãs judeus entendam plenamente a mensagem de que todas as vantagens e benefícios de Israel apontam para Cristo. Para provar a seriedade do que diz, ele até deseja que ele mesmo fosse condenado a fim de que eles pudessem viver (*resignatio ad infernum*).

O elogio de Paulo ao povo judeu culmina na confissão de que Jesus de Nazaré, que é Deus e homem, é irmão deles. Esses comentaristas não conseguem deixar de observar a criteriosa gramática teológica que Paulo utiliza em Romanos 9.5 – posteriormente afirmada e canonizada pelo Concílio de Calcedônia (451).

¹ Em referência a essa analogia, veja *English Annotations* em Romanos 10.1 e Bullinger em Romanos 11.1

Por sua natureza humana, Cristo pertence à linhagem corpórea dos patriarcas; por sua natureza divina, ele é eternamente bendito. O apóstolo mantém habilmente unidas as naturezas de Cristo – distintas, porém, indivisíveis – na unidade de sua pessoa. A maior bênção de Israel é que o Deus eterno escolheu condescender em carne humana em meio deles. “Canta, ó filha de Sião! [...] O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de ti” (Sf 3.14-15).

9.1-2 A verdade em Cristo sobre Predeterminação

PAULO JURA FALAR A VERDADE. DAVID PAREUS: “Digo a verdade em Cristo.” Uma vez que o apóstolo está para falar sobre a rejeição dos judeus e a substituição dos gentios, ele recorre a uma declaração solene e santa, tal qual não se encontra em nenhuma outra passagem das Escrituras. Ele é levado a fazê-lo não por temor, mas por necessidade. Ele sabia que era odiado pelos judeus pelo fato de ter desertado de Moisés para Cristo, devido à sua inconstância, e ensinava um evangelho por ódio à lei. Nessa perspectiva pode parecer que ele queria insultar os judeus por má vontade e para bajular os romanos. A fim de afastar tal suspeita, ele introduz solenemente as suas observações sobre

sua afeição mais do que humana para com os judeus, mostrando que isso está longe da verdade, de que ele estivesse se esforçando aqui com certa *epichairekakia* [“alegria pela desgraça do próximo”], de modo que ele estava pesaroso pela cegueira de seu povo e por sua destruição, da qual ele estava pronto para redimir abrindo mão de sua própria salvação. Mas para que não fosse considerada uma questão trivial, e a fim de conquistar a alma rancorosa deles, ele confirma sua declaração com um juramento, e ao mesmo tempo exalta e proclama as excelentes qualidades dos hebreus. Não obstante, ele chega ao ponto de mostrar que lhes faltava apenas uma coisa – sem a qual as demais não tinham nenhum proveito – a saber, deixar de serem hostis a Cristo. [...]

Com juramento, ele começa sua queixa sobre a dor e tormento de seu coração por causa da rejeição de seu povo, sobre a qual disse que era o elemento principal de sua introdução. E ele explica a razão de sua imensa dor. “Não minto”. Ao fazer um juramento, ele evita a suspeita de que o seu sofrimento é fingido. Diz: “Não estou fingindo em nada, mas eu realmente atesto meu sofrimento”. “Não estou mentindo.” É possível que alguém diga a verdade e, mesmo assim, minta afirmando algo verdadeiro que ele pensa que é falso. Pois mentir é ir contra a própria consciência. Por esse motivo, o apóstolo atesta a veracidade de suas palavras e a sinceridade de sua mente. Ele invoca três testemunhas da verdade: “Cristo”, a quem ele logo chamará “bendito de Deus para todo o sempre”. Portanto, apela ao tribunal de Deus. Sua “consciência”, que equivale a mil testemunhas – e o pior tormento se for injustiçado. E o “Espírito Santo”, que não engana e não pode ser enganado, uma vez que é o Espírito da verdade. **COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.1.**²

CRISTO CONCEDE BOA CONSCIÊNCIA. DOMINGO DE SOTO: Se, por acaso, você for ver a composição da palavra grega, talvez diga que significa “enquanto minha mente convoca Cristo como testemunha” ou “como Cristo testemunha ao mesmo tempo”. Mas o sentido não é que a consciência e Cristo deem testemunho

² PAREUS. *In Epistolam ad Romanos*, p. 819-21.

ao mesmo tempo, mas, antes, que Cristo é o autor da verdade para a consciência. A fim de eliminar tal ambiguidade, o intérprete traduziu o termo pela frase “enquanto minha consciência convoca Cristo como testemunha”, a qual tem o mesmo significado. Portanto, ele acrescenta o testemunho da consciência como explicação da próxima palavra, “não estou mentindo”, pois falar contrário à própria consciência é mentir. Mas, uma vez que a consciência pode, às vezes, estar errada, ele acrescenta, “no Espírito Santo”. Um pouco antes disso ele tinha dito, “O Espírito Santo testemunha ao nosso espírito”, porque ele é indubitavelmente infalível. Por isso, assim como quando diz “Minha consciência testemunha”, seu significado é que ele disse “não estou mentindo”, assim também quando diz “No Espírito Santo”, é uma explicação da palavra anterior, “em Cristo Jesus”, porque o Espírito é derramado em nós pelo dom de Cristo. **COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.1.**³

ALEGRIA NO SOFRIMENTO. MARTINHO LUTERO: A partir desse texto, fica muito claro que o amor se encontra não somente na doçura e prazer, mas também na mais profunda tristeza e amargor. Ele realmente se regozija e tem prazer no amargor e sofrimento, porque considera a miséria e o sofrimento dos outros como se fossem os seus próprios. Por isso Cristo, até mesmo na última e pior hora do seu sofrimento, estava radiante por seu profundo amor; realmente, de acordo com o bendito Hilário, o amor o encheu com a mais sublime alegria por sofrer a mais intensa dor. Pois, assim é que Deus “dá força e poder ao povo”, de modo que provoca neles que no mesmo momento em que estão sofrendo a mais angustiante dor, também experimentam a mais intensa alegria. **SCHOLIA DE ROMANOS 9.2.**⁴

ENTRISTECIDO, PAULO LUTA PARA FALAR. JOÃO CALVINO: Paulo muito habilmente consegue abreviar sua sentença de modo que não expressa plenamente o que ele ia dizer. Ainda não era apropriado mencionar explicitamente a

³ SOTO. *In Epistolam ad Romanos*, p. 254.

⁴ LW 25:379 (WA 56:388); citando HILARY. *De Trinitate* 10.45 (PL 10:379); Salmos 68.35.

destruição da nação judaica. [...] Por isso, ele manifesta grande grau de tristeza uma vez que sentenças imperfeitas estão na grande maioria carregadas de emoções. Mas, no momento, ele expressa a causa da dor, depois de testificar mais plenamente de sua sinceridade. A perdição dos judeus causou imensa angústia em Paulo, embora ele soubesse que ocorreu mediante a vontade e providência de Deus.

Desse modo, aprendemos que a obediência que rendemos à providência de Deus não nos impede de sofrer pela destruição dos perdidos, embora saibamos que eles foram de tal modo condenados pelo justo juízo de Deus. Pois a mesma mente é capaz de ser influenciada por esses dois sentimentos. Quando ela olha para Deus, pode voluntariamente suportar a ruína daqueles a quem ele decretou destruir; e quando ela pondera sobre esses seres humanos, lamenta o castigo deles. Portanto, estão completamente enganados aqueles que dizem que os fiéis devem ser apáticos e impiedosos [*apatheian kai analgēsian*], a fim de que não resistam ao decreto de Deus. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.2.⁵

DIFERENTE FORMA, MESMA SUBSTÂNCIA. TILEMANN HESSHUS: Uma vez que Paulo esteja entrando numa disputa sobre a eleição graciosa de Deus e esteja prestes a mostrar que os filhos de Deus não nascem a partir da procriação corpórea e que a observação do ritual mosaico não traz salvação, ele primeiro testifica sobre seu amor para com a nação judaica. Pois os fariseus estavam convencidos de que Paulo era o principal inimigo do povo judeu, e suspeitavam que Paulo estivesse espalhando para o estrangeiro um novo ensinamento com o propósito de oprimir os judeus e aniquilar toda a ordem mosaica.

Para se livrar dessa suspeita, ele testifica com juramento que uma tristeza ilimitada se apossou dele por causa da cegueira, obstinação e destruição do seu povo. A dor é tão intensa que ele deseja salvar seu próprio povo à custa de sua própria destruição eterna. Mas ninguém pode declarar um amor tão ardente do que colocar a segurança da outra pessoa acima de sua própria. Com esse mais ardente sentimento, o

⁵ CTS 38:334-35* (CO 491:170).

apóstolo procura convidar os judeus a ponderar sobre seu ensinamento. E ele mostra que não é por algum rancor particular, com intenção de prejudicar os judeus, que ele espalha por toda parte o ensino da justificação de uma pessoa perante Deus pela fé, à parte das obras da lei, e que ele revoga a circuncisão tornando os gentios iguais aos judeus, e os acolhe na comunhão da igreja. Antes, é porque ele foi divinamente ordenado a fazê-lo, e a salvação de toda a igreja requer isso.

Não há dúvida de que a mente dos sábios é horrivelmente ofendida quando ouvem que a velha ordem (quer da igreja ou do governo) está sendo subvertida por um novo tipo de ensinamento. E, uma vez que tanto a igreja quanto o governo de Moisés foram estabelecidos pelo próprio Deus, não só os fariseus e os governantes políticos foram ofendidos, mas também os próprios apóstolos ficaram profundamente entristecidos, pois viram que o governo e o templo, juntamente com todo seu cerimonial, estavam para ser destruídos. Além do mais, Paulo não vê apenas a reviravolta do governo, mas especialmente a horrível cegueira e destruição. Mas aqui o Espírito Santo nos adverte a não nos ofendermos pela derrota do regime anterior, quer da igreja quer do Estado, mas a sempre prestar atenção em ouvir o ensino e mantê-lo puro e genuíno, não se espantar pelo fato do ímpio ser ofendido, mas colocar a glória de Deus e a salvação da igreja acima de todas as demais coisas. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.1-3.⁶

9.3-4 *A vasta e gloriosa riqueza do Israel terreno*

O AMOR DE CRISTO REFLETIDO EM PAULO. JACQUES LEFÈVRE D'ÉTAPLES: Paulo considera o tão maravilhoso, tão inseparável e intransponível amor de Deus e Cristo para conosco, ainda mais levando-se em conta que por causa do zelo por seus irmãos segundo a carne ele foi perseguidor de Cristo (que foi muito bondoso e extremamente amoroso para com ele), a tal ponto de estar disposto a ser separado de Cristo por amor a eles, por amor às tradições

⁶ HESSHUS. *Explicatio Epistolae Pauli ad Romanos*, p. 310v-311v.

ancestrais. Por isso, ele não era capaz de evitar ser dominado pela intensa tristeza e constante pesar de coração, como alguém que considera que foi de tal modo ingrato diante de tamanha bondade. Portanto, o amor de Paulo não é o que é inseparável ou intransponível de toda criatura, mas o amor de Cristo para conosco, o qual bondosamente faz com que a perseguição cesse e abraça o adversário. ANOTAÇÕES EM ROMANOS 9.1-3.⁷

O QUE SIGNIFICA ANÁTEMA? JOÃO COLET: Aqui o apóstolo sinceramente deseja, sim, anseia intensamente, que os judeus, apesar de recusarem o chamado, também possam ao longo do tempo, pela graça divina, serem contados entre os chamados e entre aqueles que confiam em Deus. É por isso que, pelo grande amor que tem por eles, ele agora anseia; sim, mesmo sobre a condição de que se eles pudessem apenas ser salvos, ele próprio poderia se tornar maldição, oferta e vítima por eles para ser sacrificado em propiciação a Deus. Pois este é o significado do termo grego *anathema*, uma vez que o verbo *anathematize* [...] denota tanto “execrar” como também “devotar”, isto é, ordenar e dedicar. E anátema [...] é uma vítima sobre a qual se faz um juramento. EXPOSIÇÃO DE ROMANOS.⁸

O AMOR ARDENTE DE PAULO POR SEU POVO. JOÃO CALVINO: Paulo não poderia ter expressado amor mais ardente do que este que ele testifica aqui. Amor perfeito certamente é aquele de alguém que ousa morrer pela salvação de um amigo. Mas outra palavra é acrescentada, *anathema*, que prova que ele fala não só de coisas temporais como também de morte eterna; mas ele explica seu significado quando inclui, “separado de Cristo”, o que significa uma separação. E ser separado de Cristo não significa outra coisa além de ser excluído da esperança da salvação. Então, esta é a prova do mais ardente amor, de que Paulo não hesitou em desejar para si mesmo aquela condenação que estava para sobrevir aos judeus, a fim de livrá-los. [...] Muitos realmente duvidam que esse desejo fos-

se legítimo; mas essa dúvida pode ser dissipada da seguinte maneira: os limites definidos do amor se estendem até onde a consciência permite; portanto, se amamos em Deus e não sem a autoridade de Deus, nosso amor nunca poderá ser demais. E esse foi o amor de Paulo; pois, vendo sua própria nação, dotada de tantos benefícios de Deus, amou os dons de Deus neles, e a eles por conta dos dons de Deus, e considerou grande prejuízo que esses dons percessem, por isso, uma vez com a mente sobrecarregada, ele extravasa esse extremo desejo. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.3.⁹

AMOR SACRIFICIAL. DAVID PAREUS: Este é um exemplo do mais firme amor para com os irmãos, pelo qual todos nós devemos nos unir para ajudar na salvação dos irmãos. É muito próprio que os pastores sejam dedicados às suas ovelhas, e esse é o caso de Cristo como o Grande Pastor. Mas somente no seu caso ele chorou amargamente como exemplo de tão grande amor. Somente ele, por puro amor a nós e mesmo por seus inimigos, derramou sua vida por nossa salvação. Mas esse não é um argumento trivial em favor da divindade de Cristo. Pois, somente por Deus pode haver um *anathema* ou maldição; somente Deus pode lançar corpo e alma no inferno. Portanto, uma vez que o apóstolo deseja que ele fosse considerado anátema para Cristo, ele indica que Cristo é verdadeiro Deus, cuja amizade significa bênção eterna e cuja rejeição significa maldição eterna. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.3.¹⁰

O SIM DE DEUS ESCONDIDO SOB O SEU NÃO. MARTINHO LUTERO: Aqueles que são realmente justos no sentido de que abundam em amor alcançam essa resignação sem grandes tristezas. Pois, por causa de seu abundante amor para com Deus, eles tornam todas as coisas possíveis, suportando até mesmo o inferno. E por causa dessa habilidade, eles se livram imediatamente desse tipo de castigo. De fato, eles não têm motivo para temer a condenação, pois se submetem voluntária e alegremente a condenação por amor a Deus. Na verdade, são

⁷ D'ÉTAPLES, Lefèvre. *Epistola ad Romanos*, p. 85r.

⁸ COLET. *An Exposition of St. Paul's Epistle to the Romans*, p. 33-34*.

⁹ CTS 38:335-36* (CO 49:170-71).

¹⁰ PAREUS. *In Epistolam ad Romanos*, p. 824.

condenados justamente aqueles que tentam escapar da condenação.

Pois até mesmo Cristo sofreu condenação e deserção mais do que todos os santos. E não foi fácil para ele sofrer, como alguns imaginam. Pois ele, real e verdadeiramente, se ofereceu a Deus em nosso lugar em nossa eterna condenação. E ele agiu de acordo com sua natureza humana, em nada diferente de um ser humano, a fim de ser eternamente condenado ao inferno. E, por conta de seu amor para com Deus, Deus o ressurgiu imediatamente da morte e do inferno, e desse modo devorou o inferno. É isso que todos os seus santos devem imitar, alguns em menor outros em maior grau, pois quanto mais perfeitos forem em seu amor, mais pronta e facilmente farão isso. Mas Cristo passou por isso com a maior de todas as dificuldades. Por isso, em muitas passagens ele se queixa das agonias do inferno.¹¹

Aqueles que se afastam dessa interpretação continuam ainda dominados pelas fantasias da carne, pensando que amar a si mesmo é querer ou esperar primeiro de tudo algo bom para si mesmo; mas não entendem que tipo de bem é esse, por isso, não sabem o que é amar. Pois, amar é odiar-se a si mesmo, condenar-se e desejar o pior, de acordo com a declaração de Cristo: “[...] aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna”. Mas se alguém disser: “Não amo minha vida neste mundo porque estou buscando o bem dela na vida futura”, eu respondo: Você está fazendo isso por amor a si próprio, que é um amor mundano, portanto, você amará a sua vida neste mundo. Quem ama a si mesmo desta maneira, realmente ama a si mesmo: ele ama a si mesmo não em si, mas em Deus, isto é, de acordo com a vontade de Deus, que abomina, condena e deseja o mal a todos os pecadores, isto é, a todos nós. Pois o que é bom em nós está escondido, e tão profundamente que está escondido debaixo do que lhe é oposto. Assim, a nossa vida está escondida debaixo da morte, o amor próprio debaixo do ódio aos outros, a glória debaixo da ignomínia, salvação debaixo da condenação,

¹¹ Lutero provavelmente se refere aos salmos. A respeito da interpretação cristológica imediata de Lutero dos salmos, veja RCS OT 7:xlviiii-xlix.

nossa realeza debaixo de exílio, céu debaixo do inferno, sabedoria debaixo de insensatez, justiça debaixo de pecado, poder debaixo de fraqueza. E, universalmente, toda nossa afirmação de qualquer coisa boa está escondida debaixo da sua negação, de modo que a fé tenha o seu lugar em Deus, que é uma essência negativa e bondade, sabedoria e justiça, que não pode ser possuído ou tocado, exceto pela negação de todas as nossas afirmativas. SCHOLIA DE ROMANOS 9.3.¹²

PAULO DESAFIA A DEFINIÇÃO ISRAELITA DA VERDADEIRA IGREJA. PHILIP MELANCHTHON: Estabelecemos isso como alvo [do texto]: ele nos ensina que é preciso distinguir a igreja verdadeira e eleita daquela que possui o título e as prerrogativas terrenas. É necessário ensinar isso contra a demonstração magnificente que a falsa igreja exhibe, a saber, sua antiguidade, o exemplo dos pais e o consenso da multidão. Quando somos expostos por essas coisas, que possamos distinguir as igrejas conforme Paulo distingue o povo de Deus. O verdadeiro povo foi eleito por meio da misericórdia; é o povo que tem o evangelho. Mas os judeus defendiam que eles eram o povo de Deus, porque eles eram descendentes de Abraão, possuíam a lei, os pais, exemplos e milagres. Com isso, argumentavam o seguinte:

Primeira premissa: Cristo ainda não veio, porque quando Cristo vier ele salvará o seu povo.

Segunda premissa: O povo ainda não foi salvo, mas certas pessoas sediciosas se gabam de terem sido salvas.

Conclusão: Portanto, Cristo ainda não veio.

Aqui Paulo responde à segunda premissa e ensina que o povo foi eleito por meio da misericórdia, não por causa de prerrogativas terrenas nem por causa da lei. Se a discussão de Paulo deve se referir a essa compreensão, será mais fácil e poderá ser aplicada a nós, a fim de aprendermos qual é a verdadeira igreja.

Paulo começa com uma queixa muito grave, em que testifica que ele se entristece pela

¹² LW 25:382-38 (WA 56:392); citando João 12.25.

destruição de seu povo. Todos os santos [*sancti viri*] sofrem intensa dor quando consideram que uma enorme multidão de seres humanos está sendo condenada, e ponderam sobre este secreto conselho de que a igreja é formada de um grupo tão pequeno, fraco e abatido. Para aqueles que nasceram nesse povo, é uma questão primordial de sofrimento que essa nação fosse rejeitada, uma vez que os pais e os profetas vieram desse povo. Reflitamos aqui sobre o argumento de Paulo para que possamos aprender a temer a Deus. Se Deus não poupou aqueles que eram descendentes dos pais e dos profetas, sobre quem as promessas falam abertamente, quanto menos poupará os gentios. COMENTÁRIO DE ROMANOS (1540).¹³

A HONRA DE ISRAEL, A FIDELIDADE DE DEUS. JOÃO CALVINO: Todo o percurso da fala de Paulo visa ao seguinte propósito: que apesar de os judeus, por sua deserção, terem causado um divórcio impiedoso entre Deus e eles próprios, a luz do favor de Deus não se extinguiu totalmente, conforme ele também disse em Romanos 3. Eles se tornaram na realidade incrédulos e quebraram sua aliança, mas, mesmo assim, sua infidelidade não resultou na anulação da fidelidade de Deus. Pois ele não só reservou para si um remanescente de entre toda a multidão como também deu continuidade no nome de uma igreja entre eles, de acordo com o direito hereditário.

Mas, embora eles já tivessem despojado esses ornamentos, de forma que não houvesse nenhum proveito em serem chamados filhos de Abraão, contudo, como havia um risco, para que por meio do fracasso deles a majestade do evangelho não fosse depreciada entre os gentios, Paulo não considera o que eles merecem, mas cobre sua infame e desventurada conduta cobrindo-os com véu, até que os gentios fossem plenamente persuadidos de que o evangelho os alcançou desde a fonte celestial, o santuário de Deus, uma nação eleita. Pois o Senhor, passando por outras nações, os escolheu como povo para si, e os adotou por filhos, conforme é frequentemente testificado por Moisés e os profetas.

¹³ MELANCHTHON. *Commentary on Romans*, p. 188-89* (MO 15:681).

E não contente em simplesmente conceder-lhes o nome de filhos, o Senhor os chama às vezes de primogênitos, e às vezes de amados. [...] Por essas palavras ele quer dizer não só manifestar a sua bondade para com o povo de Israel, mas, antes, exibir a eficácia da adoção por meio da qual a promessa da herança celestial é transmitida. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.4.¹⁴

O QUE PAULO QUER DIZER COM ALIANÇAS? DOMINGO DE SOTO: Realmente, ele entrelaça as qualidades de filhos de modo pitoresco e ordenado. Mas em grego o termo está no plural: *diathēkai*, “testamentos”. Ora, o mesmo substantivo no plural significa “partilha de heranças que são distribuídas após a morte do testador”, mas no singular também significa “um acordo entre pessoas vivas” e “a própria herança”. Assim sendo, talvez para ter o sentido de “acordos e alianças de Deus que ele fez com eles”, o tradutor traduziu por “testamento”. Por essa razão Orígenes diz: “Toda vez que eles pecavam, eles parecem ter sido deserdados”. Novamente: “Cada vez que Deus era propiciado, chamava-os de volta e conduzia-os novamente à herança de sua possessão, deve-se crer que Deus restaurou o testamento”. E Deus fez uma aliança com Abraão e outros patriarcas, conforme se relata em Gênesis. Outros intérpretes, quando leram o substantivo plural, aplicaram a palavra aos dois testamentos, a saber, o Antigo e o Novo Testamento, sobre os quais Paulo comenta. O primeiro desses mandamentos foi-lhes concedido, mas o segundo foi prometido. Não obstante, se você ler o singular, “testamento”, deve compreender que significa o Antigo Testamento. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.4.¹⁵

ALIANÇAS E PROMESSAS, LEI E EVANGELHO. TILEMANN HESSHUS: “Testamentos ou alianças”: não há nenhuma dúvida de que ele esteja se referindo à lei e ao evangelho. Pois essas são as duas alianças que Deus fez com o povo de Israel: uma no monte Sinai de acordo com os Dez Mandamentos, em que prometeu

¹⁴ CTS 38:338-40* (CO 49:172); citando Romanos 3.3; Êxodo 4.22; Jeremias 31.9.

¹⁵ SOTO. *In Epistolam ad Romanos*, p. 257; citando Gálatas 4.21-31.

vida e todos os benefícios sob a condição de que a lei fosse cumprida; a outra, pela qual ele prometeu o Messias e ofereceu livremente para o seu bem o perdão dos pecados e a herança da vida eterna a todos que creem. A concessão da lei é um tipo de acordo ou testamento. Foi um imenso ato de bondade o fato de Deus renovar a sua lei do céu e nos informar de sua vontade.

As regulamentações do culto, tais como o cerimonial e ritos prescritos por Moisés, dizem respeito ao Antigo Testamento. Somente nesse povo havia verdadeiros atos de adoração – agradáveis a Deus – sendo oferecidos a Deus. Pois Deus os ordenou e eles eram praticados de tal modo que refletiam a promessa do Messias. O Senhor abominava os demais rituais feitos por outras nações. “As promessas”: elas são o outro tipo de testamento, a saber, o Novo Testamento, pelo qual Deus promete o perdão dos pecados e vida eterna por meio do Messias. **COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.4.**¹⁶

O GRANDE AMOR DE DEUS PARA COM OS FILHOS DA PROMESSA. JACQUES LEFÈVRE D'ÉTAPLES: O grande amor de Deus e bondade para com os judeus: ele quis abraçá-los e glorificá-los. E em nenhuma outra nação o Senhor apareceu em carne, com a consequência de que ele pudesse afirmar, “não foi enviado exceto para as ovelhas da casa de Israel que pereceram”. Testamentos foram firmados com eles. As Escrituras realmente falam sobre a antiga: “O SENHOR, nosso Deus, fez aliança conosco em Horebe”. Mas também fala sobre a nova: “[...] firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais”. A primeira concessão da lei foi transmitida por Moisés. A segunda virá de Sião por meio de Cristo, conforme foi escrito: “[...] e a palavra do SENHOR, de Jerusalém”. Adoração, isto é, uma forma de culto, lhes foi dado a fim de que eles pudessem adorar o verdadeiro Deus, enquanto outros povos não adoravam a Deus, mas aos demônios, pois (ele diz) todos os deuses dos pagãos são demônios. E ele lhes deu promessas; conseqüentemente, quase todos os profetas são testemunhas dessas

¹⁶ HESSHUS. *Explicatio Epistolae Pauli ad Romanos*, p. 312v-313r.

promessas. Seus pais foram Abraão, Isaque e Jacó, de quem Cristo, o Senhor, quis traçar sua genealogia conforme a carne. Pois, de acordo com sua divindade, ele tem origem eterna do Pai. E se o restante das bênçãos pareça trivial, não obstante, esta é uma grande prova de seu amor para com eles: Cristo, que é Deus bendito sobre todas as coisas, dignou-se a tomar a forma de carne deles. Mas você dirá, “Se as promessas concernentes a Cristo foram feitas a eles e, apesar disso, não o receberam, conforme está escrito, ‘Veio para o que era seu, e os seus não o receberam’, então, anulou-se a proclamação de Deus”. De modo algum. Pois os filhos da promessa são considerados aqueles que emularam a fé de Abraão, não simplesmente aqueles que são descendentes de Abraão de acordo com a carne, e eles são verdadeiros israelitas e filhos e semente de Abraão – não pela carne, mas pelo Espírito. **ANOTAÇÕES DE ROMANOS 9.4-5.**¹⁷

9.5 O Deus-Homem pertence a Israel

UM CLARO TESTEMUNHO DA DIVINDADE DE CRISTO. ANOTAÇÕES EM INGLÊS: Um dos testemunhos mais evidentes e provas mais férteis da divindade de Cristo! Ecumênio diz, um corar de vergonha e confusão, ó miserável depravado Ário, quando você ouve Cristo glorificado pelo apóstolo com o título de Deus, no singular, com o artigo *ho*, “o Deus”, ou “somente Deus” e “Deus sobre todos” e bendito para sempre. **ANOTAÇÕES DE ROMANOS 9.5.**¹⁸

A PRINCIPAL GLÓRIA DOS JUDEUS É QUE CRISTO É SEU IRMÃO. JOÃO CALVINO: Aqueles que aplicam isso aos ancestrais, como se Paulo estivesse apenas dizendo que Cristo era descen-

¹⁷ D'ÉTAPLES, Lefèvre. *Epistola ad Rhomanos*, p. 85v; citando Mateus 10.6; Deuteronômio 5.2; Jeremias 31.31-32; Isaías 2.3; João 1.1-11.

¹⁸ DOWNAME, org. *Annotations*, BBBer*. Ecumênio (sec. 6º), era provavelmente um leigo erudito de Isáuria na Ásia Menor, foi autor do mais antigo comentário grego existente de Apocalipse. Veja mais em WEINRICH, William C., org. *Revelation*. ACCS NT 12. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005, p. xvii-xxix; OECUMENIUS. *Commentary on the Apocalypse*. Trad. John N. Suggit, FC 112. Washington, DC: Catholic University of America Press, 2006.

dente dos ancestrais, não têm argumentos para sustentá-lo. Pois o objetivo de Paulo era encerrar seu relato sobre a preeminência dos judeus com esse elogio – que Cristo procedeu deles. Não era de se subestimar o fato de eles serem unidos por um relacionamento natural com o Redentor do mundo. Se Cristo honrou toda a raça humana, unindo-se a nós por uma comunhão de natureza, quanto mais os honrou, com quem tinha laços mais próximos de união. Ao mesmo tempo, também sempre se deve manter em mente que quando essa vantagem de estar associado por parentesco estiver desconectada da piedade, está longe de ser uma vantagem, pelo contrário, isso resulta em uma condenação ainda maior. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.5.¹⁹

TRÊS INTERPRETAÇÕES DE “QUE É DEUS SOBRE TODOS”. DESIDÉRIO ERASMO: Essa passagem pode ser explicada de três maneiras. Primeiro, a oração “que é sobre todos”, *ho òn epi pantōn* pode se juntar às palavras anteriores e separadas da subsequente da seguinte forma: “De quem é Cristo conforme a carne – Cristo que é sobre todos” ou “que estava sobre todos”. A fim de antecipar qualquer suspeita de que a honra de Cristo fosse diminuída através da raça humana que ele assumiu, Paulo acrescentou com uma perspectiva sobre a sua divindade, “que é sobre todos”. Essa construção atribui divindade a Cristo, porque nada é sobre todos, exceto unicamente Deus. Pois *epi* é usado em lugar de *epanō*. Então, depois de um ponto final, supõe-se que seguiria a frase “Deus seja bendito para sempre”, de modo que fosse uma expressão de gratidão em consequência da contemplação do tão grande amor para com a raça humana a ponto de Deus querer que o Deus Filho assumisse corpo humano para o nosso bem. Mas nessa interpretação o artigo *ho òn* [“o que é”] é virtualmente supérfluo; [enquanto] que em *theos eulogētos* [“Deus seja bendito”], está ausente.

Na segunda interpretação toda a passagem permanece firmemente unida: “De quem é Cristo de acordo com a carne, o qual Cristo, sendo Deus sobre todos, é [...] bendito para sempre”. Essa interpretação pronuncia muito

¹⁹ CTS 38:341* (CO 49:173-74).

claramente Cristo Deus; mas seria mais fácil se fosse escrito *hos òn* [“que sendo”] em lugar de *ho òn* [“o que é”].

A terceira interpretação não tem dificuldades, pelo menos em base linguística – “de quem Cristo segundo a carne”; aqui um ponto termina a sentença. Então, a considerar tão grande bondade de Deus, acrescenta-se uma expressão de gratidão, *ho epi pantōn theos, eulogētos eis tous aiōnas*, isto é, “Deus que é sobre todos seja bendito para sempre”. Portanto, entenderemos que a lei que foi dada, a aliança, os profetas e, finalmente, Cristo foi enviado em corpo humano – todas essas coisas Deus, por meio de um plano inefável, proveu redimir a raça humana. Assim, se considerarmos Deus como toda a santíssima Trindade (um significado que frequentemente ocorre nos Escritos Sagrados, como quando somos ordenados a cultuar e servir somente a Deus), Cristo não está excluído. Mas se [“Deus” aqui] significa a pessoa do Pai (como é frequentemente o caso em Paulo, especialmente quando Cristo ou o Espírito é mencionado na mesma passagem) apesar de em outras passagens das Escrituras ser mais claro que o dia que Cristo, não menos verdadeiramente que o Pai ou o Espírito Santo, é *chamado de Deus*, não obstante essa passagem em particular não venha a refutar efetivamente os arianos, uma vez que nada impede que ela faz referência à *pessoa do Pai*. *De modo que os argumentos dessa passagem – de que demonstra claramente que Cristo é explicitamente chamado Deus – parecem ou colocar pouca confiança no testemunho de outros textos das Escrituras*, ou não atribuir nenhuma inteligência aos arianos, ou supor que eles não refletiram com suficiente atenção a linguagem do apóstolo. Há uma passagem semelhante em [2Coríntios] 11, em que ele diz que o Pai é bendito para sempre: “O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito”. Pois no grego, “bendito” pode estar se referindo apenas ao Pai. ANOTAÇÕES DE ROMANOS 9.5.²⁰

²⁰ CWE 56:242-43*; citando 2Coríntios 11.31. Ário (c. 250–336) ensinava que o Pai criou o Filho e, por isso, o Filho é totalmente distinto, separado e subordinado ao Pai. O Concílio de Niceia (325) condenou esse ensino; contudo, não resolveu a questão da substância de Cristo. Alguns defendem que o Filho é de substância semelhante (*homoiousios*); outros reconhecem que

PROVA DA UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS DE CRISTO EM SUA PESSOA. TILEMANN HESSHUS: Uma vez que o governo mosaico foi instituído para o bem do Messias, o Filho de Deus, assim também foi a principal glória desse povo que Cristo, o Deus Todo-Poderoso, nasceu dentre os judeus. Também, o maior pecado desse povo foi que eles não receberam o unigênito Filho de Deus, mas o profanaram com suas blasfêmias e o crucificaram. Mas nessa passagem Paulo ensina a doutrina das duas naturezas em Cristo, a humana e a divina, unidas em uma só pessoa. Cristo é judeu segundo a carne; portanto, Cristo é verdadeiro homem, possui carne e sangue, corpo e alma. Ele é também o Deus eterno e Todo-Poderoso sobre todas as coisas, gerado da mesma essência do eterno Pai. E essas duas naturezas são uma única pessoa.²¹ Portanto, dessa passagem procede o ensino da comunicação dos atributos. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.5.²²

A UNIDADE DE NATUREZAS NA PESSOA DE CRISTO. JOHANNES BRENNER: Aqui Paulo descreve e demonstra a pessoa de Cristo com poucas, porém, realmente claras palavras distintas, que ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Pois ele disse deste modo, “Da raça deles Cristo descendeu segundo a carne”. Se isso é verdadeiro, então, ele deve ser verdadeiro homem. Logo depois disso ele acrescenta, “Que é Deus sobre todos, louvado na eternidade”. Então, Cristo, de acordo com sua pessoa, é verdadeiro homem e verdadeiro Deus; sim, o homem Cristo é verdadeiro Deus. E isso não se limita apenas ao nome, mas inclui também a própria

o Pai e o Filho compartilham a mesma substância (*homoousios*). O Concílio de Constantinopla (381) canonizou o segundo entendimento.

²¹ Quase certamente um erro gráfico – o acréscimo de *divinae* depois de *duae naturae* – provocou essa sentença paradoxal: “E essas duas naturezas divinas são uma única pessoa”. Durante a Reforma ninguém pensava que houvesse duas naturezas divinas em Cristo. Heshsus teria rejeitado claramente essa afirmação, como se mostra anteriormente nesse comentário e em todas as suas demais obras (por exemplo, RCS OT 7:23-24). Portanto, emendamos o texto a fim de refletir a exatidão da própria teologia de Heshsus.

²² HESSHUS. *Explicatio Epistolae Pauli ad Romanos*, p. 315r.

realidade. De que outro modo ele poderia declarar “louvado na eternidade”? Realmente não podemos afirmar isso a respeito de nenhum ser humano. Por isso, “nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade”, como Paulo diz a respeito de Cristo em Colossenses 2.

Entretanto, quando dizemos, “o homem Cristo é Deus”, queremos demonstrar duas coisas. Primeiro, o eterno unigênito Filho de Deus, a segunda pessoa da essência divina, tomou a forma humana ou, conforme diz a epístola aos Hebreus, a semente de Abraão, de modo que Deus e homem se tornaram uma pessoa inseparável. Segundo, o Filho de Deus derramou a plenitude de sua divindade nesse homem, a quem ele tomou para si na unidade de sua pessoa, e o tornou onipotente, onisciente, onipresente, sim, um Senhor e Regente presente. É isso que entendemos [...] quando dizemos que o Filho do Homem é uma pessoa com o Filho de Deus.

De fato, é isso o que de outro modo chamamos de *communicatio idiomatum*, isto é, uma partilha e elo dos atributos de ambas as naturezas na mesma pessoa de Cristo. Desse modo, e em tal forma, o Filho de Deus tomou para si o homem, de modo que compartilhou todos os seus atributos ou, conforme diz Paulo, a totalidade da plenitude de sua divindade corporalmente – porém, sem prejuízo e mistura de ambas as substâncias e naturezas da divindade e humanidade. EXPOSIÇÃO DA EPÍSTOLA DE S. PAULO AOS ROMANOS.²³

²³ BRENNER. *Erklärung der Epistel S. Pauls an die Römer*, p. 563; citando Colossenses 2.9; Hebreus 2.16. O *communicatio idiomatum* (i.e., comunicação das propriedades na pessoa de Cristo) diz respeito ao relacionamento entre as naturezas divina e humana de Cristo. Teólogos reformados sustentam que as naturezas de Cristo se unem em sua pessoa, mas não há intercâmbio de atributos entre as naturezas. Apesar de afirmar que as características de uma natureza não podem ser atribuídas à outra, teólogos luteranos defendem que a inseparabilidade da união hipostática implica que a natureza humana de Cristo partilha na natureza divina. Veja MULLER, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms Drawn Principally from Protestant Scholastic Theology*. Grand Rapids: Baker, 1985, p. 72-74; LUY, David J. *Dominus Mortis: Martin Luther on the Incorruptibility of God in Christ*. Minneapolis: Fortress, 2014, esp. p. 178-94.

ESSA PASSAGEM ENSINA CLARAMENTE A UNIÃO HIPOSTÁTICA. DAVID PAREUS: A descrição “segundo a carne” ensina que além de sua carne, há em Cristo outra natureza – divina – de acordo com a qual ele não procede de entre os judeus. O artigo grego *to* [“a”] indica enfaticamente que aqui há um sentido diferente daquele expresso anteriormente no v. 3, “Que é Deus bendito sobre todos”. Uma vez que ele delimitou a procedência da origem de Cristo aos judeus no que se refere à sua carne ou humanidade, ele também acrescenta uma referência a isso de acordo com a qual Cristo não procede dos judeus, a saber, sua natureza divina, pois ele não é mero ser humano, mas também verdadeiro Deus, que existe em duas naturezas na unidade da pessoa. Era oportuno que ele mencionasse aqui a divindade de Cristo para que se tornasse evidente que tipo de superioridade os judeus possuíam, o fato de Cristo querer se tornar carne entre os judeus: a saber, porque Cristo era tanto homem quanto Deus. Mas para que não se pensasse que ele estivesse se chamando de Deus, em um sentido incomum, no sentido que magistrados e reis são chamados “deuses”, à medida que são agentes de Deus, ele o designa pelo epíteto “verdadeiro Deus”: “O Deus que *epi pantōn*, ‘sobre todas as pessoas’ ou ‘sobre todas as coisas’” – que significa a mesma coisa. Ele ensina que Cristo é superior a todas as criaturas e coisas. *Eulogētos*, “Bendito para sempre”. E, a partir de Romanos 1.25, está óbvio que essa atribuição pertence unicamente ao verdadeiro Deus, em que Deus, o criador, é honra-

do pelo mesmo atributo. Desde muito tempo os hereges se esforçam em fugir desse louvor divino de Cristo. Erasmo também desvia não pouco em seus comentários. [...] Se existe uma passagem tão clara sobre a pessoa de Cristo, o *theanthrōpōs* [“Deus-Homem”], é esta.

Primeiro, ele ensina que Cristo é o verdadeiro e eterno Deus, bendito sobre todas as coisas para sempre, que sozinho é Deus, o Criador (1.25). Segundo, ele também é verdadeiro homem, dotado de carne e alma humana, a linhagem dos ancestrais judeus. Terceiro, existe em duas verdadeiras e distintas naturezas que se unem hipostaticamente, as naturezas divina e humana, porque a mesma pessoa procedeu dos antepassados, e que também é Deus bendito para sempre. Quarto, finalmente, todas as coisas divinas e humanas correspondem em Cristo de acordo com suas naturezas distintas. COMENTÁRIO DE ROMANOS 9.5.²⁴

LOUVOR ETERNO. DESIDÉRIO ERASMO: Cristo é um homem de tal maneira que ao mesmo tempo ele é também Deus, não o deus específico dessa ou daquela nação, mas o Deus de todo o mundo, e um Deus que é um com o Pai. Ele está no comando de todas as coisas, e todas essas coisas são feitas por sua inescrutável sabedoria. Por causa desse amor tão incomum para com a raça humana, louvor e ação de graças são devidos a ele por toda a eternidade. Amém. PARÁFRASE DE ROMANOS 9.5.²⁵

²⁴ PAREUS. *In Epistolam ad Romanos*, p. 827-28.

²⁵ CWE 42:53*.